

---

## **Encruzilhadas em cena: vozes e corpos que abrem caminhos em uma experiência audiovisual<sup>1</sup>**

Bárbara Lima Martins<sup>2</sup>

Daniela Abreu Matos<sup>3</sup>

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, BA

**RESUMO:** Este resumo analisa o documentário Caminhos Abertos e as narrativas individuais e coletivas partilhadas na obra pelas/os protagonistas em seus processos de ingresso e permanência no ensino superior público, a partir da concepção da comunicação de Exu e suas encruzilhadas que através de corpos dissidentes e invisibilizados, abre-se a possibilidade de articular potencialidades, mobilizações e demais caminhos através das produções e experiências audiovisual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Audiovisual; Exu; Documentário; Universidade; Corpos-terreiros;

### **RESUMO EXPANDIDO**

Este trabalho tem como objetivo analisar o documentário “Caminhos Abertos” (2023) a partir da perspectiva da comunicação de Exu e suas encruzilhadas, que abrem campos de possibilidades, movimentações e transgressões não cogitados no tempo/espço imposto pela colonialidade. Exu é o Senhor de todas as possibilidades e diversidade de conhecimentos, subverte o que é autorizado pela narrativa dominante e através dos cruzos, diálogos e trocas, reposiciona suas memórias e formas de ser e viver, contrapõe a lógica dominante das violências produzidas pelo colonialismo e se transforma em potentes formas de reinvenção da vida (RUFINO, 2018).

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Estéticas, políticas do corpo e interseccionalidades. XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Integrante do Grupo de Grupo de Pesquisa e Extensão em Comunicação, Mídia e Narrativas de Mudança (COMUM UFRB). Email: oxbarbara@outlook.com

<sup>3</sup>Doutora em Comunicação Social/PPGCOM-UFGM. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Co-coordenadora do Grupo de Grupo de Pesquisa e Extensão em Comunicação, Mídia e Narrativas de Mudança (COMUM/UFRB). Email: daniela.matos@ufrb.edu.br

Na obra audiovisual, aqui discutida, os relatos apresentados se costuram a partir das trajetórias individuais e experiências coletivas que são narradas pelas/os protagonistas em torno dos seus processos de ingresso e permanência no Ensino superior público. Ao partilharem suas trajetórias, as vozes e os corpos de Ana Carolina Reis, Marla Luisa Brito, Alisson Lima e Matheus Vinicius Ferreira se lançam como palavras e gestos de encantamento (SIMAS e RUFINO 2019), como flechas certeiras, que, de acordo com nossa argumentação, são capazes de romper a lógica doentia e violenta do carrego colonial e se potencializam, assim como Exu, na reinvenção da vida e dos seus caminhos.

As e os protagonistas possuem diferentes pontos de partida nas suas trajetórias individuais, entretanto as redes de apoio afetivas e simbólicas são elementos coletivos que os constituem e se constroem de diversas formas ao longo dos percursos. Matheus Vinicius Ferreira Lima, 27 anos, estudante de Direito (noturno) na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), natural e residente de Feira de Santana, começou a trabalhar com 12 anos. Desde muito cedo no mundo do trabalho, não tinha perspectiva de ingressar na Universidade. Anos depois da conclusão do ensino médio, após um acidente de trabalho e desempregado, refletiu sobre seus caminhos e escolheu a Universidade pública enquanto um local a ser ocupado e disputado. Sua mãe e sua avó são grandes incentivadoras na sua trajetória acadêmica.



Fig. 1 - Matheus Vinicius, ao fundo no centro da imagem, em reunião do DCE- UEFS

Ana Carolina dos Reis Santos, 26 anos, estudante de ciências sociais na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e moradora da comunidade da Pinguela, zona rural de Cachoeira. O apoio de sua avó materna foi um importante incentivo para a concretização do seu ingresso no curso, Ana Carolina foi a primeira mulher da sua família a ingressar na graduação. Durante a pandemia se tornou mãe, e com a chegada de Maria Júlia a Universidade se tornou um ambiente ainda mais desafiador.



Fig. 2 - Ana Carolina, na sala de aula, após sua gestação apresentando seminário com suas colegas

Marla Luísa Brito Silva, 23 anos, estudante do curso de Agronomia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) em Cruz das Almas, natural da cidade de Seabra, na Chapada Diamantina. No ensino médio, estudou no Instituto Federal da Bahia (IFBA) no curso técnico em meio ambiente. De forma consecutiva, realizou o ENEM e passou em múltiplas Universidades, escolheu a UFRB por ser um local mais próximo de sua família. Sua mãe é uma das grandes apoiadoras e incentivadoras de sua trajetória acadêmica.



Fig. 3 - Marla Luisa, de camiseta listrada, na aula de campo com sua amiga e demais colegas da turma

Alisson de Lima Santos, 25 anos, estudante do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), natural e residente de Feira de Santana. Se preparou para ENEM estudando em casa e, durante 3 meses, participou de um cursinho preparatório promovido pela Igreja. Sua família, especialmente seu pai, são fontes de apoio e estímulo neste processo acadêmico. Sua escolha pela área da educação perpassa por seu ensino fundamental e tem como referência sua professora da quarta série.



---

Fig. 4 Alisson de Lima almoçando no Restaurante Universitário com suas amigas/colegas de turma

Postulamos que a presença dos quatro protagonistas podem ser compreendidas como corpos-terreiros (RUFINO, 2018) em cena, visto que ressignificam memórias e reconstroem outras formas de sociabilidade e práticas de saber, sendo os corpos, elementos centrais que integram a experiência em comunidade no cotidiano “individual” e assim como os terreiros possibilitam a ampliação das interpretações e conhecimentos acerca do mundo ao partilharem práticas e experiências coletivas que subvertem as fronteiras simbólicas e sociais impostas e desestabilizam as hierarquias e as divisões estabelecidas em torno do acesso ao ensino superior, incluindo outros corpos, gestos, vozes e perfis historicamente excluídos de tal espaço.

Ao narrarem seus processos para ingressar no ensino superior, é perceptível que eles e elas realizam movimentos similares, pois precisam se dividir de múltiplas formas para dar conta das demandas acadêmicas em paralelo com suas necessidades pessoais, levando em consideração que a condição de filhos e filhas da classe trabalhadora não possibilita, na maioria das vezes, a dedicação exclusiva aos estudos. A condição de estudante-trabalhador é predominante entre jovens universitários/as de classe popular (OLIVEIRA e MATOS, 2024).

É nesse contexto que as mandingas, os desvios (RUFINO, 2018) e demais ações se fazem presentes e reinventam outras formas de avançar diante de tais questões, energias e movimentos que podem ser como o vento, muitas vezes “invisíveis” mas sempre são sentidas e podem ser vistas quando as conquistas e transformações se materializam no ambiente universitário e também fora dele. Um movimento individual em cruzo com o coletivo e se potencializa em novos fluxos e possibilidades a serem trilhadas.

As vozes, gestos, narrativas e corpos que se materializam no documentário são centrais na disputa da descolonização para o encantamento (SIMAS e RUFINO, 2019) do ambiente universitário, introduzindo suas próprias dinâmicas organizativas e formas de ser e estar para permanecer neste local. Convocam a educação como um projeto de vida e prática de autonomia, emancipação e transgressão coletiva, realizando desvios em meio as lacunas e exclusões estruturais existentes nas instituições de ensino e diante das narrativas e discursos dominantes que distancia sistematicamente estes corpos de espaços educacionais. Ao argumentar sobre uma pedagogia das encruzilhadas, Luis Rufino

---

destaca que “ Não assumiremos o repertório dos senhores colonizadores para sermos aceitos de forma subordinada em seus mundos; o desafio agora é cruzá-los, “imacunbá-los” avivar o mundo com o axé (força vital) das nossas presenças” ( 2019, p.10). Os depoimentos registrados no documentário, citados a seguir, fortalecem essa argumentação.

Por isso que a gente defende realmente esse espaço público e comum de acesso, e que seja aberto e que cada vez mais se amplie, né, esse acesso à Universidade [...] posterior, começar a pensar uma carreira jurídica, pra começar a passar a disputar os espaços do judiciário. (Matheus Vinicius, Entrevista, 2022).

Quando você começa a viver uma outra realidade diferente, você começa a aprender junto com essa realidade...eu quero terminar minha graduação e prosseguir...eu não gosto de ficar parada não, eu gosto de tá descobrindo novas coisas, pra conhecer, então, a gente tem que se permitir né?. (Ana Carolina, Entrevista, 2022)

Eu penso em passar meus conhecimentos, eu quero ser o exemplo que muitos professores foram pra mim, tudo que eu quero fazer futuramente é baseado na minha região. (Marla Luisa, Entrevista, 2022)

Eu quero ser um professor que ajude esses estudantes, então eu acho que outra das minhas escolhas foi a minha ação política, sabe? Enquanto pedagogo pra fazer isso. (Alisson de Lima, Entrevista, 2022)

Desse modo, postulamos que a partir saberes e experiências, compartilhados na obra, podem ser criados outros arranjos, formações e reinvenções de novos comuns (RANCIERE, 2009) que instabilizam e re-estabilizam as territorialidades (HAESBEART, 2021) acadêmicas ao apresentarem outras formas de permanecer e se constituir no cotidiano universitário a partir das frestas, o que possibilita aberturas e ampliação dos caminhos para as demais chegadas. Estas narrativas, articuladas a partir de um produto audiovisual, compõem um conjunto identificado como “fluxos ativistas” que articulam, denunciam, reivindicam, mobilizam, engajam e disputam valores sociais (FARIAS e GOMES, 2021).

Assim, consideramos que o documentário “Caminhos Abertos” ao fazer circular essas quatro narrativas é capaz de contribuir para a transgressão de fronteiras simbólicas e estruturais que dobra a lógica colonial (RUFINO, 2018) em defesa da vida, dos sonhos, vontades, desejos e da garantia de acesso e formação educacional gratuita e de qualidade nas suas diversas camadas, convocando a educação como dendezeiro (SIMAS e RUFINO, 2019). Essa se constitui através da responsabilidade com a transformação

social e vital através das encruzilhadas e suas infinitudes de possibilidades na existência de novos rumos, caminhos e mundos. Assim, acreditamos que os sorrisos (e as lágrimas) de nossas/os protagonistas, captados na imagem e postos em circulação, desafiam os lugares previstos socialmente e abrem possibilidades outras para elas/eles e para todes.



Figura 5 – Foto/Divulgação – Poster Documentário Caminhos Abertos

## REFERÊNCIAS

BOGADO, M.A . **Cinema do entrelugar: imaginários de um passado em fluxo na obra documental contemporânea brasileira**. 2017. 172 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

FARIAS, Daniel Oliveira; GOMES, Itania Maria Mota. Fluxos ativistas indígenas: instabilizando a hipótese da guerra cultural a partir de afetos, territorialidades e temporalidades no Brasil, **REVISTA ECO-PÓS**, v. 24, 2021.

HAESBAERT, Rogério **Território e descolonialidade : sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina** 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO ; Niterói : Programa de Pós-Graduação em Geografia ; Universidade Federal Fluminense, 2021.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Editora Cobogó. 2020.

MARQUES, Ângela. Três bases estéticas e comunicacionais da política: cenas de dissenso, criação do comum e modos de resistência. **ANAIS da XXI COMPÓS**, Juiz de Fora-MG. Disponível em: <https://proceedings.science/compos-2012/papers/tres-bases-esteticas-e-comunicacionais-da-politica--cenas-de-dissenso--criacao-do-comum-e-modos-de-resistencia>

---

OLIVEIRA, Luiz Paulo e MATOS, Daniela. ENTRE A UNIVERSIDADE E O MUNDO DO TRABALHO: um estudo sobre jovens universitários no Recôncavo da Bahia. In: DRUCK, Graça. Trabalho, Precarização e Resistências, Salvador: EDUFBA, 2024 ( no prelo)

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. 2. edição. São Paulo: Editora 34/EXO, 2009.

REIS, D. B. . Cotas e Estratégias de Permanência no Ensino Superior. In: Robinson Moreira Tenório; Marcos Vieira. (Org.). Avaliação e Sociedade: A negociação como caminho. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2009, v. 1, p. 47-66.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Mórula, 2019.

SIMAS, Luiz Antônio e RUFINO, Luiz. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro. Editora Mórula, 2019

## FILMOGRAFIA

**Documentário Caminhos Abertos**. Direção: Bárbara Lima. 2023. Disponível em <https://drive.google.com/drive/folders/1S5ACIZKCub5hCQbzK8GjVtPr9iBwMajx>